

News Paper®

Informativo
Setorial ANDIPA



Nesta edição

Menos impresso,
menos papel

Pág 3

Entrada de papel
estrangeiro tem
retração

Pág 4

Importação de cuchê
cai 20%

Pág 5

Papel nacional ocupa
espaço de importado

Pág 6

As várias faces
do papel cartão

Pág 7

Do micro ao macro

Sustentabilidade da cadeia do papel exige ações coletivas e compromissos individuais

Como uma só estrela não ilumina a noite, individualmente as empresas e segmentos da cadeia do papel têm dificuldade para superar os entraves da atividade. Assim como, não se podem aceitar 'soluções' para uns à custa de transferir o ônus a outros. O negócio de um elo depende do bom desempenho do segmento seguinte. Isso é sustentabilidade, responsabilidade e compromisso que precisam ser definitivamente incorporados à cultura setorial, seja no combate aos desvios de finalidade do papel imune ou no trato de quaisquer assuntos do setor.

Editorial - página 2

Expediente

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação da ANDIPA - Associação Nacional dos Distribuidores de Papel. Direitos autorais reservados.

Contatos

Telefone: (11) 3044-2214
E-mail: andipa@andipa.org.br

Presidente

Vitor Paulo de Andrade

Diretoria

Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto
José Luiz Barbosa Leonardos
Marcelo Patury Accioly

Presidente Executivo

Vicente Amato Sobrinho

Assistente Administrativo

Assistente de Diretoria

Iolanda Moretti

Edna Souza

Assessoria de Comunicação e Conteúdo Editorial

Keser Serviços de Comunicação

Jornalista Responsável Rosângela Valente -
Mtb 121/MS rosangelavalente@uol.com.br

Pequena gigante

Micro e pequenas, mas quando somadas tornam-se milhões e sua grandeza reluz forte, chegando a ofuscar a visão de observadores desatentos. Falamos de uma constelação, não de estrelas, mas de pessoas empreendedoras que movem as economias mundo afora, inclusive a brasileira!

Segundo o Sebrae Nacional, o Brasil tem 6,3 milhões de empresas. Desse total, 99% são micro e pequenas empresas (MPEs). Esta força move também a cadeia do papel, que tem no elo de transformação a indústria gráfica, gerando emprego e renda nos quatro cantos do Brasil. Dados da Abigraf Nacional mostram que são 20,5 mil gráficas pulverizadas em todas as regiões brasileiras, sendo 97% delas de micro e pequeno porte.

Em entrevista recente o ministro Guilherme Afif Domingos, da Secretaria da Micro e Pequena Empresa, disse que 80% dos novos empregos gerados no último ano foram nas micro e pequenas empresas. O Sebrae calcula que as MPEs gerem 52% do empregos formais no País e participem de 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Considerando que a indústria gráfica nacional emprega cerca de 220 mil trabalhadores e teve faturamento de R\$ 44 bilhões (como consta na matéria: “Menos impresso, menos papel”), as micro e pequenas gráficas empregam em torno de 115 mil pessoas e teriam movimentado perto de R\$ 10 bilhões no ano passado.

Ainda que a realidade do setor gráfico não seja exatamente esta, os números nos ajudam a dimensionar e valorizar o nosso mercado. Sim, o mercado da distribuição, que atende a cerca de um terço do mercado de imprimir e escrever (exceto cut size), da ordem de 1.800 mil toneladas por ano. Ou seja, em torno de 1.200 mil toneladas de papéis são vendas ou importações diretas e 600 mil toneladas são escoadas via distribuição, exatamente para as micro e pequenas gráficas.

Pois se houver dúvida sobre a grandeza das MPEs, os números acima podem ser checados por todos os distribuidores que têm suas carteiras ancoradas em pequenas e médias gráficas, que juntas respondem por um percentual expressivo de seus negócios. Por consequência, estes clientes transformadores também precisam ser olhados com atenção pelos fabricantes.

Se concordarmos que as MPEs são estratégicas e

fundamentais para a sustentabilidade de nossa atividade, temos de ser solidários nas causas que nos unem e contra todas as ações que lhes tiram competitividade e que afetarão diretamente nossos negócios.

Poderia discorrer aqui sobre toda a pauta de trabalho da Abigraf, repleta de demandas legítimas. No entanto, cito apenas mais uma, que está prestes a se somar ao alto custo pago especialmente pelas pequenas empresas para proteger um ou alguns. Falo da nova investigação de dumping nas exportações para o Brasil de chapas de alumínio para impressão ofsete. Por menor que aparente ser uma restrição ou sanção, o impacto será direto na rentabilidade do pequeno gráfico. Enganam-se aqueles que pensam que medidas protecionistas aos grandes garantem a competitividade da produção brasileira e o crescimento econômico. É exatamente o contrário.

Somos absolutamente favoráveis a regulamentações, pois equiparam as regras para todos os players e tendem a dar segurança às operações. Alertamos, porém, para o uso destes mecanismos com o fim deliberado de proteção comercial, impedindo a livre concorrência, com o agravante de transferir o ônus aos elos mais sensíveis da cadeia.

Inevitável o paralelo com o combate às fraudes com o papel imune, que envolve as entidades de todos os setores ligados ao papel para impressão e escrita. Avançamos significativamente quando somamos esforços, focados em promover uma nova cultura setorial pautada na legalidade, na qual todos devem e serão responsabilizados por suas operações. Conseguimos mostrar aos agentes públicos as muitas facetas do problema para que fossem implantadas as medidas de fiscalização, como o Recopi, e a embalagem diferenciada.

Cabe agora, persistir até resolvermos outros importantes pontos, como reduzir a diferença de impostos entre os produtos imunes e tributados e expor com transparência os volumes gerais comercializados com imunidade tributária. Assim como as MPEs e as estrelas, somando avançaremos mais e faremos brilhar uma grande vitória, partilhada com toda a cadeia do papel e a sociedade.

Boa leitura!

Vitor Paulo de Andrade

Menos impresso, menos papel

Com poucas exceções, como alguns papéis especiais e os cortados – cut size, destinados a papelarias e escritórios –, em geral, o papel é matéria-prima para a indústria gráfica que o transforma em produtos diversos, de livros e revistas a embalagens, passando pelos impressos comerciais. Fortemente impactada pelas tecnologias, a indústria gráfica nacional enfrenta ainda uma série de problemas que têm comprometido seus resultados. O principal indicador é a produção física, que foi negativa nos dois últimos anos e deve fechar 2014 com nova queda, ainda que menos acentuada. “Devemos fechar o ano com declínio de 1,7% na produção física. A reversão dessa tendência parece difícil diante da ausência de indícios de mudanças no cenário econômico. O ambiente externo continua desfavorável ao Brasil, e internamente, inseguranças jurídicas, tributárias e de infraestrutura desencorajam investimentos”, avaliou no início do ano, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf Nacional), Fabio Mortara.

O setor gráfico nacional emprega cerca de 220 mil trabalhadores em 20,5 mil empresas, sendo 97% delas de micro e pequeno porte e, em 2013, faturou R\$ 44 bilhões. Apesar dos grandes números, o setor registrou queda de 6,7% na produção física, superando o índice negativo de 2012, de 4,6%. Conforme os dados da Abigraf, o segmento de produtos gráficos e editoriais tem sido o mais prejudicado, acumulando perdas de produção de 6,1% e 12,1%, em 2012 e 2013, respectivamente.

Na divulgação dos resultados do ano passado, a Associação avaliou que a estimativa pessimista para 2014 deve-se a fatores como juros altos, política fiscal inadequada, inseguranças quanto à oferta e tarifas de energia elétrica e incertezas externas, que envolvem desde a política monetária dos Estados Unidos à recuperação econômica da Argentina, destino de cerca de 8% das exportações brasileiras. Somado a este cenário, o setor sofre ainda com a crescente presença da tecnologia, mudando a relação do consumidor com as comunicações, que afeta diretamente os veículos de imprensa e as ações de propaganda e publicidade e, conseqüentemente, a demanda e o consumo de papéis.

Além de tudo isso, a indústria gráfica tem ainda questões tributárias (como a cobrança de PIS/COFINS) que desequilibram a concorrência, em especial com as importações, que têm tirado parte do faturamento do setor. O saldo da balança comercial da indústria gráfica vem registrando déficits nos últimos sete anos. Só no primeiro trimestre deste ano, as indústrias gráficas brasileiras mandaram para o exterior 21,9 mil toneladas de produtos que somaram US\$ 63,3 milhões, enquanto as importações de 20,3 mil toneladas levaram US\$ 117,9 milhões, de acordo com o Departamento Econômico da Abigraf, com base em dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Ainda que em volume as saídas superem as entradas em 1,6 mil toneladas, a avaliação é que o déficit na balança mostra a baixa competitividade da indústria nacional em produtos de maior valor agregado, o que acaba refletindo no resultado do setor e no consumo interno de papel.

Prévia do trimestre

No primeiro trimestre deste ano, a produção física da indústria gráfica encolheu 2,9% em comparação com o mesmo período de 2013, segundo cálculo da Abigraf, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado, apesar de negativo, indica maior moderação no movimento de queda do setor, que fechou 2013 com recuo de 3,6%, como apurado a partir da nova metodologia empregada pelo Instituto.

Descontado o padrão sazonal, o resultado representou um crescimento de 2% na produção em relação ao trimestre anterior. O ganho torna-se ainda mais surpreendente frente ao recuo de 0,5% da indústria de transformação no período. “Mas ainda é cedo para falar em recuperação. Diante das baixas previsões de crescimento do PIB, estabilizar a produção gráfica nesse patamar já será um bom resultado”, avalia Levi Ceregato, que assumiu a presidência da Abigraf Nacional em junho.

Entrada de papel estrangeiro tem retração

A demanda por papéis importados para abastecer o mercado brasileiro segue em declínio, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), disponíveis pelo Sistema AliceWeb. Para o setor, este desempenho é resultado da combinação entre a desaceleração geral do consumo de papéis, o aumento das importações de impressos prontos e maior rigor para a comercialização de papel imune.

O desempenho varia de acordo com o tipo e aplicação do papel, mas considerando o total geral do Capítulo 48 (referente a Papel e Cartão na Classificação de Mercadorias na Nomenclatura Comum do Mercosul – NCM), as importações diminuíram 8,8% na comparação de 2013 com o ano anterior. Nos cinco primeiros meses deste ano, desembarcaram no País 520 mil toneladas de papéis, volume 4,6% menor que no mesmo período do ano passado (545 mil toneladas) e 11,8% menos no comparativo com 2012 (589,6 mil toneladas).

Papel jornal e cuchê (apenas da NCM 4810.19.90) lideraram a lista de importações do Capítulo 48, respondendo, respectivamente, por 27% e 11% do total apurado até maio deste ano. No período foram importadas 140,7 mil toneladas de papel jornal e 57,9 mil toneladas do cuchê, volumes menores que nos comparativos anteriores. As entradas do cuchê chegaram a crescer em 2013, totalizando 73,3 mil toneladas entre janeiro e maio, mas recuaram nos meses seguintes, fechando o ano com queda de 15% em relação aos doze meses anteriores (146 mil toneladas, contra 171,7 mil toneladas).

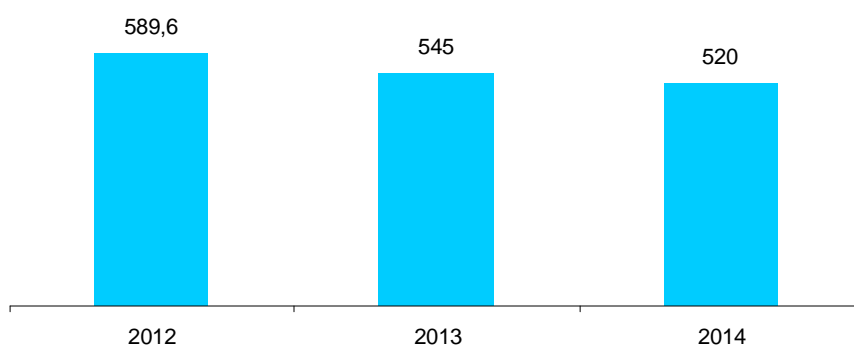
No caso do jornal, a redução tem sido constante ano a ano. Nos primeiros cinco meses de 2013, as importações somaram 143 mil toneladas, 20% menos que as 178 mil toneladas registradas de janeiro a maio do ano anterior. O acumulado anual mostra diminuição de 17,8% nas entradas de jornal estrangeiro, que caíram de 386,5 mil toneladas em 2012 para 317,8 mil toneladas em 2013. Considerando que a capacidade de produção nacional de papel jornal é limitada a cerca de 130 mil toneladas por ano e tem registrado volumes decrescentes, o consumo de papel jornal no Brasil encolheu quase

14% no último ano (445,8 mil toneladas em 2013, contra 517,5 mil toneladas no ano anterior). O NewsPaper também acompanha os registros de importações nos principais grupos de papéis comercializados via distribuição, detalhados na página 5 desta edição.

Para empresários do setor, a conjuntura econômica e as instabilidades, em especial as que afetam a indústria gráfica, têm forte impacto nos resultados do setor em todos os segmentos. No entanto, mesmo sem dados estatísticos disponíveis que comprovem, é geral a percepção de que parte da queda nos volumes de importações é justificada pelas medidas de fiscalização e controle do papel imune, implantadas desde o ano passado, em especial a exigência de embalagem especial identificando o produto com isenção tributária, que deve ser utilizado apenas e exclusivamente em impressos editoriais – livros, revistas e jornais. “A embalagem diferenciada explicita o problema do desvio e envolve o fornecedor, em particular o estrangeiro, com a correta destinação do papel imune”, avalia o presidente da Andipa, Vítor Paulo de Andrade.

A nacionalização do Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune (Recopi) e as ações de fiscalização implantadas pelas Secretarias Estaduais de Fazenda e pela Receita Federal também são citadas entre as medidas necessárias para o combate às fraudes. Com isso, foi aumentado o risco para aqueles que importavam papéis declarados como imunes para deliberadamente abastecer o mercado de forma ilegal. “Este tipo de importação foi afetada”, observa Vítor de Andrade, lembrando que o mercado internacional é importante para o setor papelero nacional, seja para o abastecimento interno de alguns tipos de papéis com produção insuficiente ou como regulador para manter o saudável equilíbrio entre oferta, demanda e preços nos demais segmentos.

Importação geral de Papéis - Capítulo 48
janeiro a maio em mil toneladas



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC

Importação de cuchê cai 20%

Até maio deste ano, a Secretaria de Comércio Exterior registrou a entrada de 108,3 mil toneladas de papéis cuchê nas quatro NCMs (Nomenclatura Comum do Mercosul) que englobam as diferentes especificações do produto – 4810.13.89; 4810.13.90; 4810.19.89; e 4810.19.90. O volume é 23,8% menor que as 142 mil toneladas apuradas nos primeiros cinco meses do ano passado e 24,4% menos quando comparado as 143,3 mil toneladas importadas no mesmo período de 2012.

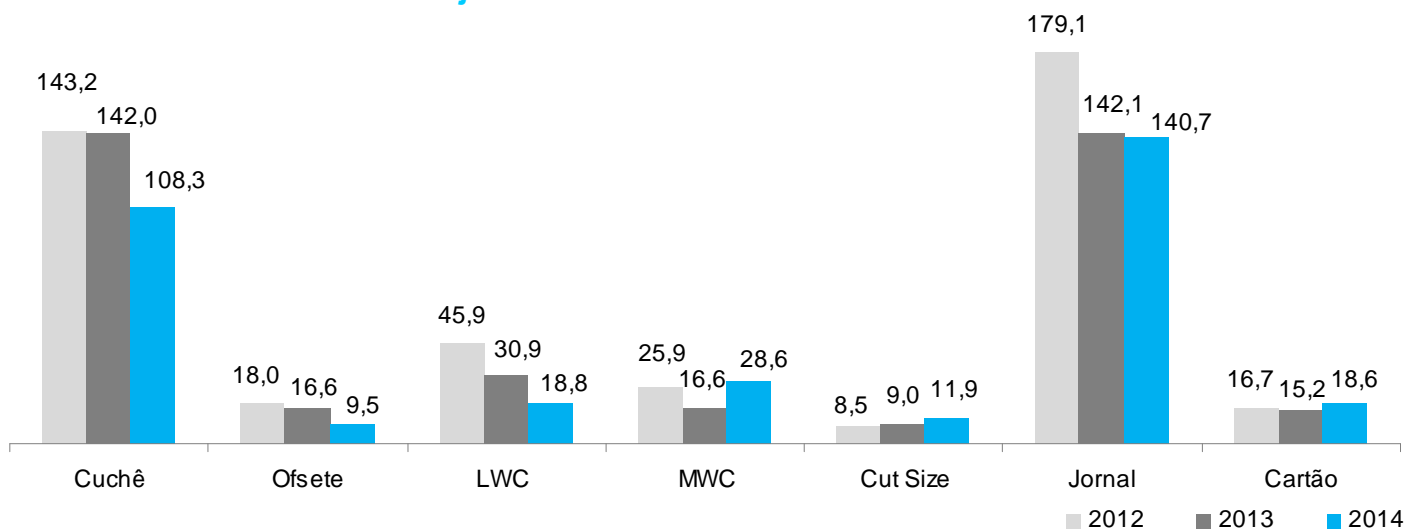
Proporcionalmente, os segmentos de papéis ofsete e LWC tiveram as maiores quedas nas importações neste ano. Segundo dados disponíveis pelo Sistema AliceWeb, as três nomenclaturas que compõem o grupo ofsete somaram 9,5 mil toneladas, 42,8% menos que as 16,6 mil toneladas importadas no mesmo período de 2013. Já as entradas de 18,8 mil toneladas do LWC, representaram uma retração de 39,2% sobre as 30,9 mil toneladas desembarcadas até maio do ano passado e menos da metade das 45,9 mil toneladas apuradas no equivalente de 2012. No papel jornal, foram importadas 140,7 mil toneladas,

recuo de 1% ante as 142,1 mil toneladas do mesmo período de 2013.

Dos sete grupos de papéis acompanhados pelo NewsPaper, três registraram crescimento nas importações deste ano. O tipo MWC (NCM 4810.29.90) se destacou com aumento de 72,3% na comparação com o mesmo intervalo do ano passado, voltando ao patamar de 2012. Conforme a Secex, entre janeiro e maio deste ano foram importadas 28,6 mil toneladas de MWC, ante 16,6 mil toneladas e 25,9 mil toneladas apuradas nos primeiros cinco meses de 2013 e 2012, respectivamente.

Também aumentaram as ofertas de *cut size* e cartão estrangeiros. O papel cortado totalizou 11,9 mil toneladas, superando em 32,2% as 9 mil toneladas importadas nos cinco primeiros meses dos dois anos anteriores. Já os desembarques de papel cartão até maio deste ano somaram 18,6 mil toneladas, 22,4% a mais que as 15,2 mil toneladas de 2013 e 11% superior quando comparado a 2012 (16,7 mil toneladas).

Importação de Papéis janeiro a maio - em mil toneladas



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC

Papel nacional ocupa espaço de importado

A indústria nacional viu suas vendas domésticas de papéis para impressão e escrita (I&E) aumentarem em 34 mil toneladas entre os meses de janeiro e maio deste ano, quando comparado ao mesmo período de 2013. O volume adicional é exatamente igual ao recuo das importações, que somaram 217 mil toneladas nos primeiros cinco meses de 2014, contra 251 mil toneladas no período equivalente do ano anterior.

Os dados fazem parte do novo boletim setorial da Indústria Brasileira de Árvores, Cenários Iba, que reúne dados de desempenho dos segmentos de celulose, painéis de madeira e papel. Conforme mostra a edição de junho do boletim, a produção se mantém em ligeira baixa. Nos cinco meses do ano foram produzidas 1.089 mil toneladas de papéis de imprimir e escrever, 0,3% menos que no comparativo do ano anterior (1.092 mil toneladas). A fatia destinada às exportações registrou retração de 3,6%, caindo de 386 mil toneladas para 372 mil toneladas.

O único indicador positivo do segmento de I&E foi o de vendas ao mercado interno, que cresceu 5,4% sobre as 632 mil toneladas ofertadas até maio de 2013, totalizando 666 mil toneladas este ano. No resultado mensal, fevereiro apresentou a maior participação, com crescimento de 14,4% passando de 111 mil toneladas para 127 mil toneladas, no

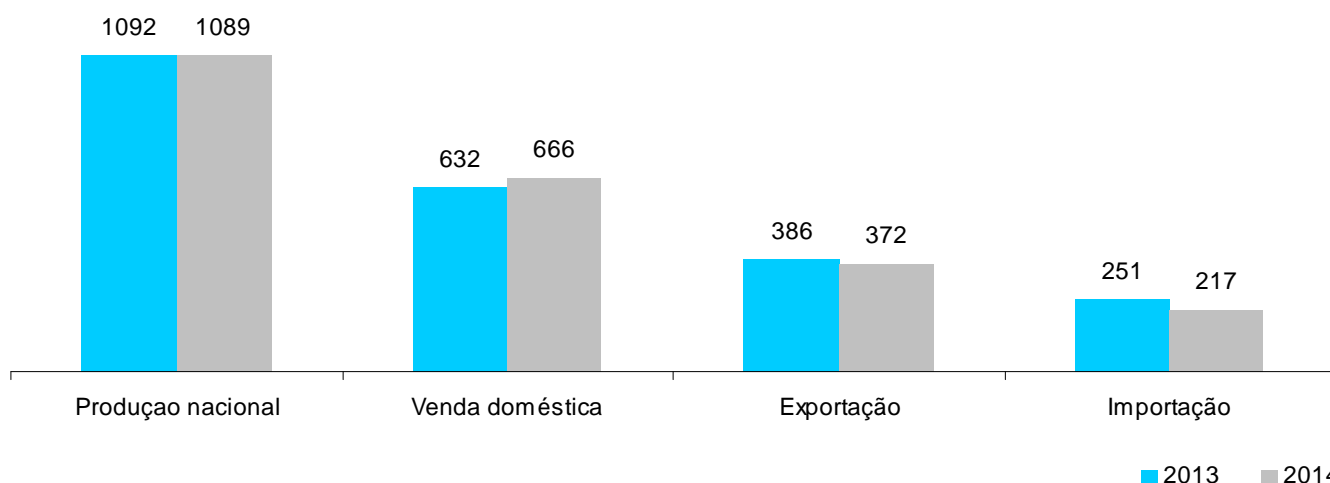
comparativo. Só no mês de maio, as vendas domésticas cresceram 6,1%, o equivalente a 8 mil toneladas. No acumulado dos cinco meses, foram ofertadas 34 mil toneladas de papéis nacionais a mais este ano. A participação nacional já vinha crescendo. Nos primeiros cinco meses de 2012, as vendas internas somaram 612 mil toneladas.

Outros segmentos

A produção brasileira de papéis este ano cresceu apenas nos segmentos de embalagens e sanitários, com 1,4% e 4,1% respectivamente, garantindo o resultado geral positivo de 0,7% no comparativo. Segundo consta no boletim setorial, até maio deste ano, a produção total de papéis somou 4.323 mil toneladas, sendo 2.233 mil toneladas de embalagens, 1.089 mil toneladas de imprimir e escrever, 47 mil toneladas de papel jornal, 459 mil toneladas de papéis para fins sanitários, 288 mil toneladas de papel cartão e 207 mil toneladas classificados como outros.

No geral, as exportações foram o destino de 802 mil toneladas de papéis, volume que cresceu 2,4% sobre as 783 mil toneladas apuradas no mesmo período do ano anterior, com destaque para os segmentos de embalagem e I&E. Já as importações de papéis totalizaram 520 mil toneladas, conforme detalhado no texto da página 4.

Papéis de Imprimir e Escrever janeiro a maio - em mil toneladas



Fonte: Cenários Iba - Junho 2014

As várias faces do papel cartão

O papel cartão é um produto apresentado de formas variadas e destinado a diversas aplicações que determinam realidades de mercado bem distintas. Com consumo interno na faixa de 600 mil toneladas ao ano, o Brasil conta com nove produtoras de papel cartão, que juntas produziram 739 mil toneladas no ano passado, conforme dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel.

Separado em três grupos denominados duplex, triplex e sólido, seguindo diferentes características e especificações técnicas, o papel cartão é destinado basicamente aos segmentos gráfico e editorial e de embalagens. O cartão é utilizado para fabricação de diversos produtos, de caixas a encartes e blisters, de capas de livros e cadernos a peças publicitárias e promocionais. E, é neste ponto, que se manifesta no cartão, aquele que é o maior problema do setor de papel no Brasil: as fraudes envolvendo a imunidade tributária prevista na Constituição para os papéis utilizados na impressão de livros, jornais e periódicos.

Para os produtores nacionais, o aumento das importações tem favorecido a comercialização de papéis sob a rubrica da imunidade, entre eles o cartão, que teriam como destino abastecer o mercado comercial. “O Brasil aumentou a importação de cartão branco”, afirma o gerente de Marketing da Papyrus, Eduardo Gianini, referindo-se aos desvios de finalidade envolvendo papel cartão imune.

A preocupação é legítima e todos os segmentos da cadeia do papel estão empenhados no combate às fraudes. Ainda assim, o presidente da Andipa, Vitor Paulo de Andrade, avalia que a falta de dados mais precisos dificulta o entendimento e adoção de medidas pontuais que se somem às conquistas de fiscalização e controle em vigor. Hoje, o setor não é capaz de responder de forma transparente o quanto comercializa de papel imune em cada segmento, pois tanto as estatísticas da indústria nacional quanto os dados de importação divulgados pelo governo não fazem distinção sobre a fatia correspondente aos produtos com isenção tributária.

Paulo de Andrade lembra que, há alguns meses, as entidades encaminharam ofício aos órgãos responsáveis pedindo que sejam divulgados os dados discriminando os volumes quanto à destinação do produto declarada no desembaraço das importações. Por outro lado, os produtores nacionais também se comprometem em comunicar os volumes ofertados para os segmentos comercial e editorial (imune).

Classificação

Outro detalhe que interfere diretamente nas informações e leituras possíveis sobre o mercado de papel imune é o enquadramento do produto na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), que é o filtro utilizado para classificar as operações internacionais. A NCM é um código de oito dígitos que corresponde a especificações técnicas do produto comercializado. Como relatam diversas fontes do setor, o problema consiste em informar, seja deliberadamente ou não, o código de outro produto.

Este é o caso do papel cartão, que oficialmente é enquadrado na NCM 4810.92.90, descrito como: outros papéis de camada múltipla, revest. caulim, rolos/fls. Contudo, na prática, o cartão pode ser declarado em outros códigos, sem necessariamente incorrer em fraude ou má-fé, como os utilizados para clichês e papéis de alta gramatura. Assim também, estes papéis podem ser lançados na NCM do cartão. Desta forma, as estatísticas ficam camufladas e os dados disponíveis não permitem identificar o volume que tem sido efetivamente comercializado de cada tipo de papel. “Avançamos a um patamar que nos permite olhar para estes pontos que são importantes”, avalia o presidente da Andipa, defendendo que quanto mais detalhados e precisos forem os dados divulgados sobre a comercialização de papéis, maiores serão as possibilidades de expor os infratores aos mecanismos de fiscalização e controle.

Números do cartão

Na última década, a produção nacional de papel cartão aumentou em torno de 30%, enquanto o consumo aparente cresceu acima de 40%. Segundo relatório estatístico da Bracelpa, em 2003 a produção foi 568 mil toneladas, com exportação de 188 mil toneladas e importação de 39 mil toneladas, resultando no consumo interno de 419 mil toneladas. Já em 2013, a entidade computou a produção de 739 mil toneladas de papel cartão, sendo 557 mil toneladas destinadas ao mercado interno e 182 mil toneladas ao externo. Com importação de 49 mil toneladas, o consumo aparente no ano passado foi de 606 mil toneladas.

Os números, no entanto, não permitem distinguir o desempenho nos segmentos que consomem o papel: gráfico e editorial e de embalagens. Consultadas pelo NewsPaper, as produtoras de papel que atenderam à solicitação de entrevista responderam que não informam vendas por segmento de mercado. Constam como produtoras de papel cartão junto à associação dos fabricantes, as empresas: Bignardi, Bonet, Ibema, Iguçu, Klabin, MD, Papyrus, Sanovo e Suzano. Ao menos três delas não trabalham com cartão para gráfica e editorial. A Bignardi tem sua produção focada em cartolina. A Iguçu fabrica papelão paraná. O cartão para embalagens é o foco da Sanovo. Bonet, Ibema e Klabin não responderam à reportagem.

Mesmo citando que os dados trimestrais consolidados do setor apontam recuo ante a 2013 (informações indisponíveis para consulta), no geral, os fabricantes se mostram otimistas quanto o mercado, em especial o de papel cartão. O diretor comercial da MD Papéis, Tadeu H. de Souza, disse que o mercado de papel cartão apresentou desempenho inferior no primeiro trimestre, mas que a empresa teve excelente performance nas vendas domésticas, com ganho de volume se comparado ao mesmo período de 2013. “Esperamos continuar com este desempenho nos meses subsequentes, ganhando volume e também

rentabilidade através de um mix de produto mais satisfatório ao negócio da MD Papéis”, afirmou Souza, acrescentando que a sustentação deste desempenho é que dará subsídios para a retomada da terceira máquina de papel. O diretor informou que a produção de papel cartão da MD é concentrada na unidade de Limeira, que tem capacidade para 55 mil toneladas ao ano. No entanto, das três máquinas instaladas, duas estão em operação, produzindo aproximadamente 42 mil toneladas ao ano.

Para a Suzano, o resultado do trimestre também não foi ruim. Mesmo mantendo a produção de papel cartão em 63 mil toneladas, registrou crescimento de 10,3% nas vendas domésticas, que foram de 37,8 mil toneladas e refletiram no aumento de 3,6% das vendas totais (58,4 mil toneladas), em comparação ao mesmo período de 2013. “O mercado de papel cartão vem crescendo, menos do que esperávamos, mas vem crescendo”, afirmou o presidente da Suzano, Walter Schalka, em conferência com a imprensa para divulgar os resultados da companhia no trimestre. No acumulado anual, a produção de papel cartão da Suzano foi crescente entre 2010 e 2012 – com 252 mil toneladas, 255 mil toneladas e 259 mil toneladas, respectivamente, caindo para 250 mil toneladas no ano passado.

Na avaliação do gerente de Marketing da Papyrus, Eduardo Gianini, a previsão para 2014 é cautelosa, diante das incertezas macroeconômicas e pressões esperadas para o segundo semestre, como eleições, tarifa e oferta de energia e água, além de inflação. Mesmo assim, ele diz que a empresa mantém o foco no processo produtivo, visando à otimização da produção anual de 90 mil toneladas de papel cartão. De acordo com Gianini, com os seis produtos de sua linha de papel cartão, a Papyrus atende os segmentos de embalagem e gráfico/editorial, sendo que de 70% a 80% da produção foram destinados ao mercado interno, em 2013.

Ceará adere ao Recopi, que já opera em oito Estados

O governo do Ceará foi o décimo primeiro a aderir ao Sistema de Registro e Controle das Operações com Papel Imune Nacional (Recopi Nacional), conforme estabelece o Convênio nº 50, do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), publicado no Diário Oficial da União em 23 de abril. A regulamentação depende de legislação estadual a ser definida.

Das dez unidades da Federação que assinaram o convênio inicial (ICMS 48/2013), oito colocaram o sistema em operação, uma tem data prevista para 1º de julho e uma ainda não definiu o cronograma de implantação. Os convênios determinam que os Estados estabeleçam legislações próprias regulamentando a implantação do Recopi para seus contribuintes que operam com papel imune – destinado à impressão de livro, jornal ou periódico.

Implantado em São Paulo em 2010, o Recopi está em vigor também nos Estados da Bahia, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro e no Distrito Federal. Os estabelecimentos de Santa Catarina devem estar credenciados ao Sistema e iniciar o registro das operações em 1º de julho, conforme Decreto 1.847/2013. No Estado do Rio Grande do Sul o cronograma ainda não foi definido.

Pioneiro

Em São Paulo as informações obtidas a partir do Sistema resultaram na aplicação de 238 autos de infração em operações envolvendo desvios de papel imune, aplicados a 70 estabelecimentos de diferentes atividades relacionadas ao papel imune. Os autos de infrações totalizam R\$ 519,8 milhões, sendo que R\$ 97,8 milhões correspondem aos impostos, R\$ 55,3 milhões aos juros e R\$ 366,7 milhões às multas, conforme a Secretaria Estadual da Fazenda.

Só no Estado de São Paulo são 1.764 estabelecimentos credenciados ao Recopi, responsáveis pela movimentação média mensal de 18.042 operações. De acordo com a Secretaria, 149 contribuintes foram excluídos do Recopi – entre bloqueados, descredenciados e suspensos – por operações irregulares com papel imune.

As ações de fiscalização continuam em todo o Estado de São Paulo. Na avaliação da Andipa, as medidas adotadas agora têm caráter preventivo, o que aumenta a eficácia do Recopi e o combate às fraudes com papel imune.

Andipa apresenta papel imune em congresso internacional

O Brasil foi escolhido para sediar o primeiro Congresso de Papel e Celulose do Brasil e América Latina 2014 (WPP Brazil & LatAm), realizado em maio, em São Paulo. Durante dois dias, o evento reuniu cerca de setenta executivos de empresas e entidades setoriais, além de especialistas, e contou com quatorze palestrantes sobre temas específicos e relevantes para a cadeia do papel e celulose.

Coube ao presidente executivo da Andipa, Vicente Amato Sobrinho, a tarefa de falar sobre a imunidade tributária concedida ao papel no Brasil, desde sua base legal à distorção que promove os desvios de finalidade, aquele que é o mais grave e combatido problema do setor de papel. “Tivemos a oportunidade de apresentar a questão do papel imune a uma plateia altamente qualificada, que agora conhece o assunto”, afirmou Amato, avaliando como muito positiva a participação do segmento de distribuição no evento.

O tema da inovação abriu o congresso com a palestra da presidente executiva da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), Elisabeth de Carvalhaes, que apresentou um panorama do setor florestal brasileiro. A programação também contou com palestras de representantes das empresas Veracel, International Paper, Klabin, Pöyry, Support Cargo, CW Group (EUA), Metso, Eldorado Brasil e Suzano, além do professor da Universidade Federal de Viçosa, Jorge Colodette, que falou sobre a produção de eucalipto e

da diretora executiva da Forest Stewardship Council Brasil (FSC), Fabíola Zerbini, que abordou a certificação FSC e as oportunidades de negócios para a indústria de papel e celulose. Representando o poder público, o gerente de Projetos da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Fernando Castanheira Neto, palestrou sobre os desafios para a implementação da Política Nacional de Florestas Plantadas.

Segundo a coordenadora da GMI Global no Brasil, Marília Cardoso, a escolha do Brasil foi estratégica, em função da força desta indústria tanto no mercado interno quanto sua promissora participação no comércio internacional. Segundo ela, o congresso deve se repetir anualmente e a próxima sede ainda será definida entre os países produtores e considerando as demandas do setor. “Reunimos um público muito qualificado, formador de opinião”, avalia satisfatoriamente a coordenadora do evento.

A GMI Global é uma empresa americana que está no setor de conferências e exposição há quase cinco anos, com atuação em países como Panamá, Estados Unidos, Dubai, Alemanha, Índia e África do Sul. No Brasil, promoveu o CBI Brazil & LatAm 2014 congresso no setor de cimento e cal, e o BrasCon 2014 - Seminário de Concretagem, Pré-moldados e Agregados.

Campanha de valorização do papel foi lançada no Brasil, com apoio da Andipa

Lançada em abril, a campanha Two Sides está em implantação no Brasil e deve contar com peças publicitárias veiculadas nos diversos canais de mídia, entre outras ações, para promover a comunicação impressa. A Andipa é uma das 42 entidades signatárias deste movimento internacional em defesa da comunicação impressa, criado em 2012, na Inglaterra, e presente nos principais países europeus, como Alemanha, França e Itália, além de Estados Unidos, Austrália e África do Sul.

Presente no Brasil para o lançamento da edição nacional, o diretor da Two Sides no Reino Unido, Martyn Eustace, explicou que o problema do combate equivocado ao produto impresso é global e que a iniciativa coloca à disposição ferramentas de marketing que devem ser adaptadas conforme a realidade local e trabalhadas para atingir a todos os públicos – tanto o consumidor final quanto o segmento comercial, de empresas e governos.

O cronograma de implantação no Brasil começou com

o lançamento da campanha, em abril, e a divulgação da cartilha “Mitos e Fatos” sobre as publicações impressas. Em maio, foi oficializada a formação do Conselho diretivo da Two Sides Brasil, que será presidido pelo presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de São Paulo (Sindigraf-SP), Fabio Arruda Mortara.

“A adesão a esse movimento nos insere na mais bem-sucedida iniciativa mundial de difusão da sustentabilidade da comunicação impressa. Vamos trabalhar com determinação para mostrar que somos uma atividade essencial à vida das pessoas e ao bom funcionamento da sociedade. Sem falar na importância da nossa cadeia produtiva na geração de empregos, tributos, tecnologias e outros valores agregados”, afirmou Mortara, no lançamento da campanha, que conta com apoio de entidades que reúnem cerca de 80 mil empresas, geradoras de 615 mil empregos diretos e faturamento na casa dos US\$ 40 bilhões.

Ibá

Nova associação representa cadeia produtiva de árvores plantadas

Lançada em abril, nova entidade setorial batizada de Ibá (Indústria Brasileira de Árvores), congrega 62 empresas e oito entidades estaduais de produtos originários do cultivo de árvores plantadas, com destaque para painéis e pisos de madeira, celulose, papel, florestas energéticas e biomassa, além dos produtores independentes de árvores plantadas.

Com sede em Brasília (DF) e escritório em São Paulo, a Ibá atua em parceria com as Associações Estaduais do setor e tem como presidente executiva Elizabeth de Carvalhaes. O Conselho Deliberativo é presidido por Carlos Lira Aguiar e conta com nove vice-presidências, sendo Glenn Landau o vice-presidente do segmento Papel. Daniel Feffer ocupa a presidência do Conselho Consultivo.

Distribuidores Associados

